



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas — IH
Departamento de História

O Comércio de Peles de Castor na Nova França
(1534 - 1760)

Amanda Saraiva Antunes

Orientador: Dr. Jaime de Almeida

Brasília, Novembro 2017

AMANDA SARAIVA ANTUNES

**O Comércio de Peles de Castor na Nova França
(1534 - 1760)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade de Brasília, como requisito para a graduação em História – habilitação Licenciatura, sob a orientação do professor doutor Jaime de Almeida.

Brasília, Novembro de 2017

Aos meus amados pais, por todo carinho e paciência.

Ao meu querido Nickolas por estar ao meu lado e me dar forças.

*Às minhas melhores amigas Gabryella e Yara, por serem simplesmente as melhores
amigas.*

*“A única máxima que a História parece nos revelar, de suma importância, é que
“naquela época, ninguém sabia o que estava para acontecer”.”*

(HARUKI MURAKAMI, 1Q84, p.9)

SUMÁRIO

Resumo.....	06
Abstract.....	06
Introdução.....	07
1 – A Bacia do Rio São Lourenço.....	09
2 – O comércio de peles.....	15
3- Companhias e Monopólio.....	22
Conclusão.....	26
Referências bibliográficas.....	26

Mapas

Nova França em 1700	09
Rotas marítimas em São Lourenço	11

Figuras

Jacques Cartier em seu primeiro encontro com Nativos.....	15
Castor.....	16
Canoa Indígena.....	20
Coeur des Bois.....	23

RESUMO

No século XVI, a França entra na aventura das grandes navegações, onde seu maior objetivo era encontrar novas rotas comerciais para o Oriente. Este artigo trata das viagens até o território da Nova França, que hoje corresponde à porção francesa do Canadá, Quebec. O objetivo central deste trabalho é investigar e compreender como se deu o crescimento do comércio de peles na região da Nova França no contexto da colonização.

Palavras-Chave: Comércio de Peles, Canadá, Nova França, Colonização

ABSTRACT

In the sixteenth century, France has begun the adventure to the New World, where its main purpose was to find new trade routes to the east. This work focuses on the trips to the territory of New France, which today corresponds to the French portion of Canada, Quebec. The main objective of this work is to investigate and understand the growth of fur trade in New France in the context of colonization.

Key Words: Fur Trade, Canada, New France, Colonization

INTRODUÇÃO

A primeira parte deste trabalho trata principalmente da geografia da região canadense, explorando o golfo de São Lourenço e suas rotas navegáveis que foram de extrema importância para a fixação de assentamentos coloniais franceses e também para o desenvolvimento de trocas comerciais entre nativos e exploradores. Os autores utilizados nesta parte são Edgard McInnis, com sua obra *Canadá: a Political and Social History*. Escrito em 1947, o livro é usado como referência em cursos de História do Canadá e servirá como referência durante todo este trabalho. O primeiro capítulo da obra é dedicado a uma breve explicação sobre a geografia e os recursos naturais disponíveis no Canadá do século XVI. Outro autor utilizado como referência nesta parte é David C. Munroe, com a obra *The Fur Trade (Down to 1603)*, onde ele argumenta que é crucial para qualquer estudo sobre colonização, independente do foco, tratar da geografia do local, principalmente de um território tão vasto como o Canadá.

A segunda parte trata dos antecedentes do comércio de peles naquela região, sobretudo como este acontecia na Europa. Aqui, trabalha-se com a hipótese de que o interesse dos europeus na região norte das Américas também estava voltado para a possibilidade de encontrar matéria prima para a confecção de roupas e acessórios com pele de animais, como o castor. Os mesmos autores utilizados no capítulo anterior permanecem como referência, entretanto, as principais obras utilizadas para este elemento são A já citada *The Fur Trade (Down to 1603)* e *The Fur Trade in Canada*, do economista canadense Harold A. Innis, que dedicou a obra inteira ao comércio de peles no Canadá, explorando não apenas sua porção francesa, como também seu desenvolvimento na região colonizada pelos britânicos, indo dos princípios da colonização até meados do século XX.

A terceira parte está dedicada às companhias que encabeçaram o comércio de peles e também aos conflitos e dificuldades enfrentados pelos franceses. Esta parte é mais dedicada aos fortes onde ocorriam as trocas

comerciais e aos atores que fizeram parte destes eventos. As principais bases para esta parte, além dos autores já referidos, são um artigo do brasileiro Gabriel Roy, *O Comércio de Peles na Nova França*, que foi parte do V simpósio nacional dos professores universitários de História, em 1971; e o livro da historiadora Alice Jean Elizabeth Lunn, *Economic Development in New France (1715-1760)*, publicado em 1942.

1. A BACIA DO RIO SÃO LOURENÇO

Equivalente a um sexto do norte do continente americano, a Bacia do Rio São Lourenço é rica em natureza, sendo que apenas a área ocupada pelos Grandes Lagos equivale a metade do tamanho do território da França e a totalidade do território explorado pela França era maior que aquele explorado pelo Reino Unido¹.



Nova França (1700)²

Seu clima temperado e as vias de navegação pelo interior do continente facilitaram o acesso dos franceses continente adentro³, e apesar de no início estes canais não serem constantemente utilizados, foi através deles que aos poucos os franceses penetraram o continente e gradualmente abriram as rotas de comércio, especialmente a do comércio de peles. Grande parte da bacia era ocupada pelos algonquinos, que eram uma família linguística que ocupava o território do atlântico às montanhas rochosas. Por todo o leste do Canadá, este grupo era dividido em tribos, como os Micmacs e os Malecites, que habitavam a costa atlântica; os Montagnais e os Napaski que viviam nas redondezas do golfo

¹ No que hoje é conhecido como o território canadense.

² Nova França (1700) <<https://drlouisapicard.wordpress.com/transitions-france-saint-lawrence/>> acesso em: 30 de Novembro de 2017

³ Diferente de hoje, a geografia do Canadá naquele período possuía inúmeras rotas navegáveis, o que seria uma grande vantagem para o objetivo de abrir rotas do atlântico para o oriente.

de São Lourenço até partes da província de Labrador e da Baía de Hudson; enquanto a costa norte era disputada pelos algonquinos e os ojibwas, onde a administração das tribos estava fixada. Os habitantes originais da região tinham grande conhecimento das áreas navegáveis e as utilizavam como canais de comunicação entre diferentes regiões, como a Baía de Hudson. Entretanto, muitos autores, como McInnis e Munroe, defendem que a tecnologia primitiva dos nativos os impediu de explorar melhor as riquezas e os recursos que o continente poderia oferecer.⁴ Naquele período, a população da região equivalia a um quarto da população europeia, até onde se sabe, o crescimento populacional era muito variável devidas condições climáticas e físicas da área. Havia uma migração sazonal das populações da floresta para o rio durante o verão, que era o período onde as tribos aproveitavam para estocar alimento e peles para o inverno. Os hábitos alimentares se baseavam em uma variedade de grãos e cereais existentes no continente e os índios utilizavam animais domésticos, com exceção do cão, como auxílio em suas caças e colheitas.⁵ A monotonia de sua dieta era solvida pela caça e pela pesca (principalmente de salmão). No caso da caça, também se tirava proveito das peles de grandes animais como alces, renas, veados, ursos e castores para fazer roupas e cobertores. Os dentes, os chifres e os ossos desses animais também eram usados em seus utensílios cortantes e perfurantes, como facas e lanças. Apesar da literatura geralmente afirmar que os habitantes da região não tinham recursos e materiais suficientemente tecnológicos para a exploração da natureza da região, as tribos conseguiam garantir seu sustento com sua cultura material.

⁴ O autor afirma que entre os povos nativos não parecia haver o conhecimento da tecnologia dos metais, o que (em seu entendimento) limitava as possibilidades de exploração da região.

⁵ Nesta parte, Munroe faz uma breve análise de como os nativos exploravam suas terras, atentando para seus hábitos de caça e suas técnicas de agricultura.



Great Lakes St. Lawrence Seaway (Map: Steven Fick/Canadian Geographic) ⁶

Os franceses que chegaram às costas da América do Norte enfrentaram dificuldades até seu primeiro encontro com nativos, com isso, há autores que defendem que na percepção dos exploradores o continente estava vazio e completamente disponível para os assentamentos⁷. Os primeiros contatos com índios nativos demoraram cerca de dois meses a ocorrer, todavia, de acordo com a literatura, a presença de cerca de 220.000 aborígenes não era suficientemente expressiva contra a pressão dos europeus⁸, pelo menos não naquele momento⁹. Já nos primeiros encontros, os franceses notaram a abundância de peles nas vestimentas dos nativos. Segundo Harold A. Innis, o contato dos franceses com os nativos foi crucial para o desenvolvimento do comércio de peles. Jacques Cartier, explorador, descreve que os índios lhes levavam peles em grandes troncos para barganha:

Et nous estans a demye lieue de ladite pointe, apersumes deux bandes de barcques de sauuaiges, qui trauersoinct de leur terre à l'austre où estoit, plus de quarante ou cinquante barcques, et dont l'une desdites bandes de barcques ariuoiect alla dite pointe, dont il sautèrent et dessandirent à terre vng grand nombre de gens, quelx fessoinct vng grant bruit et nous fessoinct plusieurs signes que nous allissions à terre, nous montrant des peaux sur des bastons.¹⁰

⁶ Great Lakes St. Lawrence Seaway (Map: Steven Fick/Canadian Geographic) <http://worldmaritimeneews.com/archives/141879/unifor-delays-strike-on-st-lawrence-seaway/> > acesso em: 30 de Novembro de 2017

⁷ McInnis afirma que para os franceses o continente estava em vacância, entretanto, na literatura sobre o assunto, há discordâncias deste ponto de vista: David C. Munroe defende que os franceses já sabiam da presença dos nativos e também estavam conscientes de que havia abundância de peles na região.

⁸ Segundo Edgard McInnis, na obra “Canada”, os índios, nem em número, cultura ou em sua organização política tinham força suficiente para deter os avanços dos europeus.

⁹ Mais tarde, os franceses enfrentam problemas com as nações iroquesas, que àquela altura eram aliadas dos britânicos e holandeses, segundo fontes, conflitos com nações aborígenes seriam um grande empecilho para a colônia da Nova França.

¹⁰ CARTIER, Jacques, **Voyages**. <http://www.self.gutenberg.org/articles/Jaques_Cartier > acesso em: 30 de Novembro de 2017.

Logo começaram as atividades comerciais entre franceses e algonquinos. Inicialmente, não houve tanto foco no comércio de peles, as primeiras trocas foram motivadas principalmente pela escassez de alimentos e suprimentos dos exploradores, que no primeiro momento estavam mais interessados em adquirir alimento. Contudo, os primeiros contatos pacíficos e a notável abundância de peles e de castores naquela região colocaram os franceses frente a uma nova oportunidade de lucro, que poderia garantir investimentos em uma possível colônia francesa. Jacques Cartier não menciona encontros com nativos até o dia 1º de Junho de 1534, onde houve trocas de itens por comida e peles. A forma como as trocas aconteceram sugere que os franceses não foram os primeiros colonizadores europeus naquela região¹¹. De fato, uma década antes, o italiano Giovanni de Verrazzano esteve naquela região em serviço da coroa francesa. De acordo com a fonte, os nativos levaram peles expostas em troncos e, apesar de não compreenderem as línguas uns dos outros, as trocas se deram de forma natural.

Na literatura disponível sobre o início do comércio de peles na Nova França, a maioria dos autores inicia suas teses com uma explicação sobre a geografia e a natureza do território canadense. Em seu livro escrito em 1938, David C. Munroe afirma que a exploração do continente americano foi um longo processo e logo que os portugueses e espanhóis conseguiram desvendar os mistérios da geografia do continente, novos objetivos sobre aquelas terras foram estabelecidos. O esforço dos franceses em adentrar terras mais ao norte do continente se deu em função de encontrar novas rotas comerciais para o Oriente de forma que as viagens fossem mais rápidas. Todavia, os exploradores encontraram obstáculos em virtude da escassez de suprimentos para

¹¹ Munroe fala também de viajantes bascos que estiveram naquela região, assim como alguns comerciantes ingleses que estavam a serviço de Henrique VIII, entretanto, ao que parece estes não possuíam interesse especial no comércio de peles, dando mais atenção à pesca e explorando outras regiões.

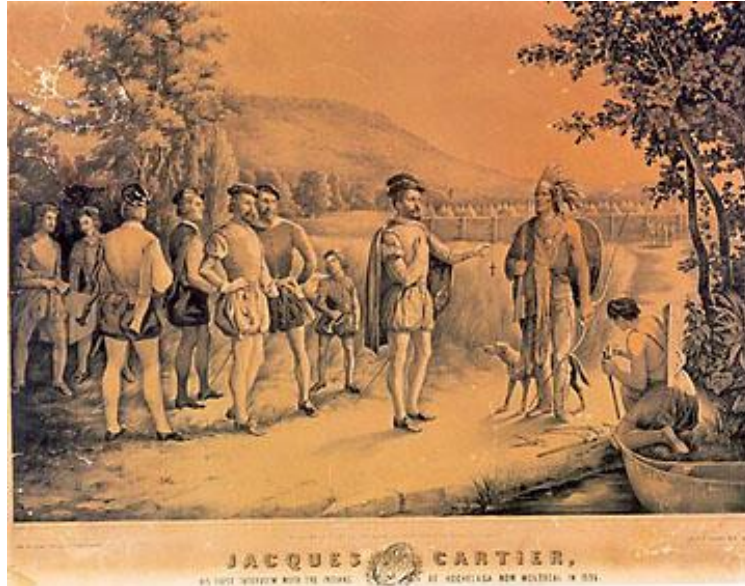
prossegurem a verificação do território. Por conta da falta de alimento, os franceses desembarcaram para explorar o continente por terra em busca de algo que os alimentasse, este fator levou ao primeiro encontro de Cartier com os nativos que no primeiro momento foi importante para o abastecimento dos suprimentos dos exploradores franceses. Contudo, Monroe afirma que após os primeiros contatos com os nativos, foram descobertas muitas possibilidades comerciais e até religiosas que seriam de interesse do império.

A partir do primeiro encontro com os nativos, os franceses puderam observar melhor seus hábitos e principalmente como eles cultivavam e sobreviviam naquela região. Ainda de acordo com a literatura, os índios do atual Canadá possuíam pouco conhecimento em agricultura e seus cultivos eram limitados por conta dos instrumentos e técnicas primitivos, o que tornava o processo de arar a terra algo muito trabalhoso e demorado. Eles cultivavam principalmente grãos; como milho, semente de girassol e diferentes tipos de abóbora. Isto supria parcialmente a necessidade por comida, porém eles precisavam de outras fontes para conseguir mais alimento e vestimentas, especialmente para enfrentar o inverno rigoroso da região, o que os tornava dependentes da caça e da pesca. Caso não houvesse a dependência da caça, provavelmente não haveria espaço para o comércio de peles, pois os franceses também se tornaram dependentes das habilidades de caça dos nativos.

A maioria dos autores defende que a chegada dos europeus deslocou as tribos do Canadá da idade da pedra para a idade do metal, pois os instrumentos que eles ofereciam em suas trocas comerciais proporcionavam melhoras no processo de agricultura e caça dos índios. Todavia, é mais interessante pensar em um processo de interdependência, onde ambos os lados obtinham vantagens com as trocas, pois apesar da pouca eficácia e das habilidades ditas atrasadas na agricultura, os algonquinos eram excelentes caçadores e conheciam a região, além de dominarem técnicas de extração de peles de animais como castores, esquilos, alces, renas, etc. Além disso, havia a dependência do conhecimento das regiões fluviais pelos índios, eles possuíam canoas especiais que serviam

muito bem para o transporte de peles até os fortes e, claro, serviam de acesso para o atlântico abrindo uma boa rota de navegação de volta para a França e também para o interior do continente, servindo também para o objetivo primário dos franceses.

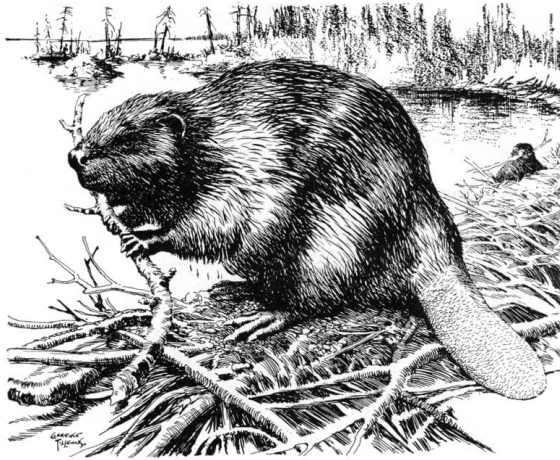
2. O COMÉRCIO DE PELES



Jacques Cartier em seu primeiro encontro com nativos.
Napoleon Sarony, National Archives of Canada C-42247

As peles eram utilizadas para fabricação de artigos de luxo na Europa desde muito tempo. Apesar de não ter sido presente em larga escala, o comércio de peles foi bastante lucrativo para a Liga Hanseática e também teve importância para o Império Russo. A pele de castor, em especial, sempre foi preterida para a fabricação de chapéus, contudo, seu comércio entrou em declínio com a diminuição da população de castores do continente Europeu. Segundo fontes, há diferenças tênues entre o castor canadense e o castor europeu: “o castor do Canadá é um quadrúpede anfíbio que não se sustenta por muito tempo debaixo d’água, podendo viver completamente fora dela. Eles medem cerca de 1,30m e pesam por volta de 30kg. (...) A cor de sua pelagem difere de acordo com o clima da região, quanto mais ao norte, mais escuro e quanto mais ao sul, eles ficam cada vez mais claros, o animal tem menos pelo e conseqüentemente, ele tem menos valor.” (Charlevoix, p. 140). Em carta para a duquesa de Lesdiguières, o jesuíta Charlevoix descreve essas diferenças, destacando a qualidade superior do castor canadense, devido aos seus hábitos anfíbios.¹²

¹² Em sua quinta carta “Sobre os Castores do Canadá; no que eles diferem daqueles originários da Europa[...]” o jesuíta Charlevoix afirma que “O castor não era desconhecido na França antes da descoberta das Américas; podemos encontrar em antigos livros de chapeleiros parisienses as regras para a manufatura de chapéus de castor; deste modo, o castor da América e o castor Europeu são



Castor - Hudson's bay Company History Foundation¹³

O comércio de peles demorou anos até atingir grandes proporções na Nova França¹⁴, nos primeiros anos, as atividades de pesca eram mais frequentes.¹⁵ Seu início acontece em menor escala, normalmente baseado nas trocas comerciais entre nativos e colonos, porém, estas trocas garantiam um bom estoque de peles aos franceses, que motivados pelas tendências da moda da época levavam as peles à metrópole. McInnis entende que a comercialização de peles baseada em tendências da moda representou grandes riscos para a colônia, dado que as demandas da fabricação de vestuários mudam com certa frequência¹⁶. Todavia, o uso de pele pela nobreza sempre foi característico.¹⁷ O comércio de peles dentro do continente europeu não era feito em larga escala, mas sem dúvidas era “lucrativo para os mercadores da Liga Hanseática, que

exatamente o mesmo animal; contudo, mesmo que os castores na Europa se tornaram extremamente raros e sua pele não possuía qualidade tão boa quanto a daqueles encontrados na América[...]” (Charlevoix, p.140)

¹³ Castor - Hudson's bay Company History Foundation

<

<http://www.hbcheritage.ca/classroom/virtual-museum/the-business-of-fur/animals-of-the-fur-trade>

acesso em: 30 de Novembro de 2017

¹⁴ O jesuíta Francis Xavier Charlevoix descreve, em 1721, o castor como principal item da economia da Nova França.

¹⁵ Já por volta de 1615, Champlain afirma que os nativos trocavam as peles principalmente por tabaco, na região de Saguenay. (Champlain p. 35). Neste período, o comércio de peles já acontecia em maior escala.

¹⁶ MCINNIS. Canadá: a Political and Social History, cap. 5

¹⁷ McInnis afirma que entre os nobres havia a ideia de controlar o uso de peles, pois a moda estava se popularizando, deixando de ser uma característica da nobreza.

possuíam seu monopólio”¹⁸. As principais fontes de peles entre os séculos XII e XVI, primeiro, foram Prússia e Polônia; depois, com a diminuição da população de castores destas regiões, o Império Russo passou a ser a principal fonte de matéria prima para casacos e chapéus para a nobreza europeia.¹⁹ Ao longo dos séculos as peles se popularizaram de forma que os nobres temiam que seu uso não fosse mais característico das altas classes e passaram a regular seu uso de acordo com o grau de nobreza do indivíduo. Durante os séculos XII e XIII, houve maior demanda de cargas²⁰, então a Hansa fornecia estoques de peles em larga escala para, dentre outros, os portos de Paris e Londres, onde estavam centradas as fábricas de chapéus e casacos, onde as peles passavam pelo preparo para comercialização.²¹

Um grande marco para a economia europeia foi a queda de Constantinopla, no século XV. Isso fez com que a economia do continente se abalasse e mercadores de regiões do Mediterrâneo, como a Itália e a França, buscassem por outras rotas comerciais para o oriente. Todo aquele século foi seguido por uma série de infortúnios para a Liga Hanseática: o Czar Ivan III havia capturado Novgorod, a principal fonte de pele para a Hansa, e expulsou os mercadores de lá; as tendências da moda que na época eram mais voltadas aos tecidos de seda e cetim foram substituídas de vez pelos casacos de pele, que cresceram em demanda ao passo que os animais de onde a matéria era extraída ficavam cada vez mais raros no continente. Após uma queda progressiva da Liga, as nações foram se estabelecendo em suas relações comerciais, a França, neste sentido, era privilegiada por suas rotas navegáveis e sua variedade de produtos, o que a tornava um grande centro comercial que atraía mercadores de

¹⁸ Munroe, p. 16

¹⁹ “Europeans had long been accustomed to trim their robes and hats with the furo f various animals, and, when the slender resources of Poland and Prussia were exhausted (as they were by 12th century), Russia became the principal source of supply.” (Munroe, p.16)

²⁰ Munroe, p.16

²¹ Aqui Munroe afirma que a Liga Hanseática passou por dificuldades comercializando com os Russos, pois eles, vez ou outra, praticavam atos ilícitos na comercialização. Segundo o autor, isso provavelmente tinha a ver com a má qualidade da pele fornecida. Ele, no entanto, não explica quais eram estes atos nem de que forma eles estariam ligados à qualidade da matéria prima.

todos os reinos à sua volta de modo que no fechamento do século XV, após passar por um difícil período de cem anos de guerra com a Inglaterra, a França voltou a ser próspera.

No século XVI, os franceses passaram a se aventurar pelas terras do Novo Continente com Jacques Cartier no comando das explorações com o objetivo de encontrar rotas navegáveis do Atlântico para o Oriente, em 1534. É dito que os franceses já chegaram naquelas terras com o conhecimento de que havia peles em abundância, entretanto, ao chegarem lá, se engajaram em atividades de pesca e passaram grande parte do tempo explorando as águas da região. O principal item comercializado no período era o bacalhau e os franceses dedicavam muito de seu tempo desenvolvendo técnicas para secar o peixe, para evitar que o bacalhau estragasse enquanto era transportado para a França. No início da colonização, pouco se fala sobre castores nas fontes, Jacques Cartier não os menciona e tem-se a ideia de que o desenvolvimento do comércio de peles ocorreu conforme os exploradores se movimentaram para o interior do continente. Por conta da dependência do transporte por água, o comércio de peles nas costas do Canadá gradualmente foi desenvolvido, mas com menos força. Sabe-se que índios como os Micmac's constantemente chamavam os franceses para comercializar suas peles e nas primeiras trocas, os colonizadores valorizaram mais a qualidade e a estética dos robes usados pelos nativos. Conforme as trocas aconteciam, um pequeno estoque se formava e como no velho continente a pele era a nova tendência da moda, aquele poderia ser um caminho promissor. Entretanto, o comércio de peles foi realmente crescer com os conflitos entre as nações indígenas rivais da região, o que aumentou o uso de mosquetes e armas de fogo por parte dos nativos e potencializou as atividades de caça²².

²² Durante o período em que os franceses estiveram aliados aos hurões, Champlain descreve em seu diário que eles frequentemente participavam de jogos de caça, onde os índios no início demonstravam muita habilidade em caçar animais utilizando apenas facas. Entretanto, como os colonizadores utilizavam seus mosquetes, Champlain descreve que o uso de armas de fogo encantou os nativos que se empolgaram e começaram aos poucos a caçar com armas de fogo.

Enquanto descíamos o rio, com sucesso considerável, fazíamos jogos de caça por diversão. Assim era feito: quatrocentos ou quinhentos selvagens entravam através das florestas em uma longa fila, até um local onde o rio se curva em volta de uma porção de terra. Eles então avançavam com seus arcos, gritando e berrando, fazendo o máximo de barulho para aterrorizar qualquer criatura que ali estivesse. Ao atingirem o final do amontoado de terra, os animais ali presentes tinham apenas duas alternativas: pular no rio ou enfrentar uma saraivada de flechas. Enquanto isso, alguns selvagens permaneciam em canoas para capturar aqueles animais que tentavam escapar pulando no rio. Eles os matavam rapidamente com suas lanças e muitas vezes também caçavam em ilhas marítimas, onde o jogo era igualmente apreciado.

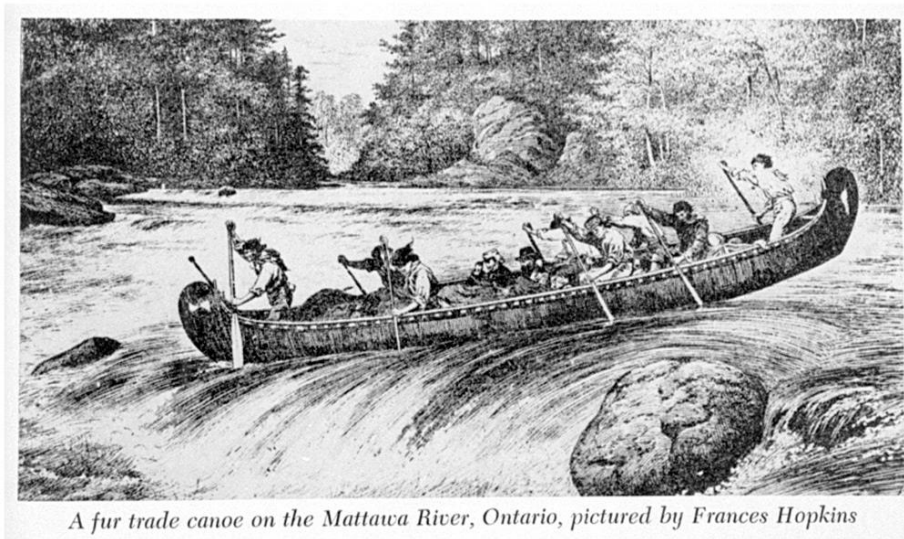
Eu gostava de assisti-los em sua caça e me impressionava bastante com seus métodos. De nossa parte, atiramos em alguns animais com nossos mosquetes, o que deixou os selvagens especialmente surpresos.²³

Os nativos tinham interesse especial na pele de castores. Os motivos envolviam o tamanho e a abundância do animal na região, além do que, o castor foi muito bem adaptado para roupas e os índios dominavam técnicas de tratamento da pele para a fabricação de seus mantos²⁴. O procedimento envolvia a raspagem dos pelos (encurtando a pelagem) de forma cuidadosa para garantir a maciez da parte interna dos casacos, que geralmente continha pelos cuidadosamente aparados. Na mesma carta para a duquesa de Lesdiguières, Charlevoix faz uma longa descrição sobre os diferentes tipos de pele comercializados e quais eram as diferenças de qualidade e de técnicas de preparo daquelas peles. Havia basicamente dois tipos de pele: a verde (*green beaver*) e a seca (*dry beaver*)²⁵. O *green beaver* era aquele já tratado pelos índios. Tratava-se de uma pele de maior qualidade, com a qual os nativos tinham cuidado especial para fazer seus casacos, sempre submetendo a peça ao procedimento de raspagem, depois a cortando em forma retangular e costurando cada uma das peças retangulares até que obter tecido suficiente para um casaco. O *dry beaver* é simplesmente a pele que não passou pelo processo de cuidado dos nativos.

²³ CHAMPLAIN, Samuel de. *Voyages to New France 1615-1618*, p. 46.

²⁴ Na França, a pele de maior valor era a de castor, que era manufaturada principalmente em chapéus, mas eles também valorizavam muito a pele de linco.

²⁵ Outros tipos eram o demi-green, veule, falsifié, moscovite e gros-cuir. Cada um desses tipos era dividido por estação do ano (inverno, verão e outono). Esses tipos adicionais eram fabricados por franceses, não com a mesma qualidade que o green beaver, que era tratado pelos índios, portanto, essas peles tinham menor valor comercial. Segundo Alice Jean, nunca chegaram a aperfeiçoar técnicas de produção de peles de dry beaver sozinhos, mas os ingleses o fizeram.



A fur trade canoe on the Mattawa River, Ontario, pictured by Frances Hopkins

As peles eram transportadas em canoas de bétula. — Frances Hopkins²⁶

De acordo com A. Innis, as relações entre nativos e colonizadores se davam pelo contato entre uma civilização mais complexa (a europeia) e uma civilização mais primitiva (a dos índios), o que para o autor garantia maiores vantagens aos hurões, que em certo momento poderiam contar com o apoio dos franceses nos conflitos contra os iroqueses e também poderiam fazer proveito das armas de fogo para a caça. Todavia, apesar da tecnologia rudimentar, a vantagem dos hurões era a de conhecerem a região e de dominarem técnicas de caça que foram úteis ao comércio de peles. Em seus relatos, Champlain se mostra impressionado com os métodos utilizados pelos nativos para a captura de animais e os exploradores franceses também tinham muito apresso pela qualidade da pele tratada pelos índios. Não se tratava, portanto, do contato entre uma civilização primitiva e outra complexa, mas de duas civilizações com diferentes complexidades que dependiam uma da outra para obterem sucesso em seus objetivos: por um lado, os franceses dependiam do conhecimento dos nativos sobre a região, de suas técnicas de caça e de seus métodos de tratar

²⁶ As peles eram transportadas em canoas de bétula. — Frances Hopkins <http://www.archives.gov.on.ca/en/explore/online/james_bay_treaty/big/big_03_fur_trade.aspx > acesso em: 30 de Novembro de 2017

pele; por outro lado, os índios se tornaram dependentes do apoio militar francês em seus conflitos contra outros nativos e também passaram a preferir o uso de armas de fogo em suas caçadas.

3. COMPANHIAS E MONOPÓLIO

O comércio entre nativos e colonos acontecia principalmente em Montreal, contudo, de forma gradual, os postos de troca foram se espalhando para o oeste e o sul da colônia. No século XVIII, os fortes de comércio de pele já se espalhavam até porções mais ao sul, atingindo o Golfo do México²⁷. Neste ponto, os índios também já tinham conhecimento do valor da pele pela expansão da demanda, então, durante o inverno, eles acumulavam estoques para trocas comerciais. Muitas tribos recebiam missionários jesuítas que cumpriam um papel importante no intermédio do comércio. Quando os nativos se mostravam resistentes às medidas do governo francês, os jesuítas tinham o trabalho de convencer os índios a transportarem as peles para os postos²⁸.

Os fortes variavam de tamanho de acordo com sua importância, mas, eles consistiam basicamente na casa do comandante, quartéis que comportavam entre dez e vinte homens, uma casa para os missionários e alojamentos para viajantes. Havia um canhão em cada forte e eles normalmente eram estrategicamente posicionados. Os maiores fortes, como o Niágara e o Frontenac eram fortemente protegidos e suas construções eram reforçadas. Os fortes estavam posicionados de modo que fossem encontrados por diversas rotas aquáticas, por onde os nativos levavam suas peles (entre os meses de maio e junho). A rota mais antiga era percorrida por Ottawa indo para o forte de Michilimakinac em Montreal, um caminho que levava três meses pelas rotas aquáticas dos lagos Hurão, Nipissing e pelo Rio São Lourenço. A rota preferida dos hurões era por São Lourenço, pois nesta região eles evitavam encontros com os iroqueses²⁹, configurando em uma passagem mais segura.

²⁷ O motivo para o deslocamento dos fortes para regiões mais distantes de São Lourenço foi a crescente escassez de castores da região. Gabriel Roy explica que como os índios dependiam da pele de castor para realizar trocas com os franceses, eles foram forçados a explorar diferentes áreas do Canadá.

²⁸ Gabriel Roy afirma que algumas tribos se submetiam à religião católica, o que facilitava a construção de capelas e tornava a relação entre nativos e jesuítas mais pacífica que com os colonos.

²⁹ Samuel de Champlain se aliou aos hurões contra as nações iroquesas, apesar de em seu diário ele parecer se incomodar com as intenções dos nativos para com sua ajuda. Ainda assim, ele considerava que aquela aliança seria uma boa vantagem para a comercialização de peles.



"Canadien en raquette" in: M. Bacquerville de la Potherie,
Histoire de l'Amérique Septentrionale, Paris, 1722

Destes fortes, irradiavam os *Coueurs des Bois*, que eram homens que viajavam de forte a forte para realizarem trocas de objetos europeus por peles. Estes comerciantes não estavam associados a nenhuma companhia e agiam individualmente e autores como A. Innis e Alice Jean os consideram como figuras cruciais da colonização da Nova França, pois em seu envolvimento com o comércio de peles, eles estavam dispostos a aprender os hábitos e costumes dos nativos, aprendendo com facilidade o idioma hurão, o que impulsionava o crescimento do comércio. Porém, o governo francês preferia que o estoque de peles fosse fornecido diretamente pelos índios, então os *Coueurs des Bois* praticavam comércio ilegalmente³⁰. Eles passaram atuar legalmente a partir de 1649, quando o governador da Nova França, Louis d'Ailleboust deu permissão

³⁰ Nos primeiros anos, os nativos pareciam não saber muito sobre o comércio, em geral. Apesar dos Coueurs des Bois atuarem de forma ilegal, seu contato com os nativos pode tê-los ajudado a desenvolver rapidamente suas atividades comerciais.

para que indivíduos realizassem trocas com o fim de incentivarem mais hurões a participarem do comércio³¹.

Durante os primeiros períodos, o monopólio do comércio de peles passou pelas mãos de quatro companhias, que tiveram certo sucesso em sua administração. O primeiro administrador foi *Sieur* de La Roche, um nobre “sem muita experiência tanto como explorador, quanto como comerciante³², ele era um militar de alta patente, mas não tinha nenhuma qualificação especial para ocupar o posto de administração, diferente de seu sucessor, Chauvin, que há muito se envolvia com as trocas comerciais e conhecia muitos comerciantes experientes. Entretanto, sua experiência não foi de muita utilidade para os colonos, pois seus interesses individuais o colocaram sob investigação da coroa. Enquanto era investigado, Chauvin morreu, deixando seu posto para *Sieur* de Chaste, outro comerciante que possuía familiaridade com o comércio de peles em São Lourenço, contudo, sua administração não foi muito longa. Ele morreu em 1604, um ano após assumir o posto. Assim, o monopólio foi deixado nas mãos de uma companhia, encabeçada por *Sieur* de Monts, um calvinista que havia lutado pela causa do rei Henrique IV na França. De todos os quatro administradores, *Sieur* de Monts foi o que mais obteve sucesso comercial e, principalmente, foi o único que obteve sucesso em estabelecer o primeiro assentamento fixo no Canadá, sendo considerado um dos grandes fundadores da colônia canadense.

Uma importante companhia que administrou a colônia foi a Companhia da Nova França, que mostrou grande ambição, apesar de ser “menos pretensiosa” (Munroe p. 47). Esta companhia, administrada pelo Duque de Richelieu, tinha características muito parecidas com a antiga Liga Hanseática da Europa. O Duque ambicionava uma companhia menor, formada apenas de homens franceses ligados ao comércio direto com a França e que tivessem atuação menor na administração da colônia. Richelieu gostaria de avançar com as negociações o mais rápido possível, sem muitas preparações e sem se preocupar com possíveis inimigos Iroqueses ou ingleses em seu caminho. Sua falta de cuidado dividia opiniões entre comerciantes, mas Richelieu não deu ouvidos aos protestos. Ele investiu mais da metade do capital em uma remessa que deveria chegar à França na primavera de 1628, entretanto, os ingleses capturaram a mercadoria e houve uma enorme perda para os colonizadores franceses. Nos anos seguintes, houve histórias semelhantes. Os ingleses se tornaram um empecilho não apenas por capturarem a mercadoria francesa, mas eles, junto aos escoceses, fundaram uma companhia que conflitava diretamente

³¹ Essas permissões aconteceram, provavelmente, por causa das boas relações entre os *Coureurs des Bois* com os nativos, já que estes muitas vezes se recusavam a aceitar ordens do governo francês, sendo mais bem relacionados com os jesuítas e os *Coureurs des Bois*.

³² David C. Munroe, p. 43.

com a francesa. Champlain, que já havia retornado para a França, advogou em favor da colônia, obtendo apoio dos comerciantes de peles ao passo que o Duque de Richelieu perdia seu interesse na Nova França, anteriormente, ele havia passado pelos eventos do Cerco de La Rochelle e agora encabeçava a Guerra Franco-Espanhola. Neste rumo, as relações comerciais pareciam não ter mais futuro. A companhia da Nova França estava em desordem o que forçou o rei a fazer mudanças na administração da colônia. Entretanto, essas novas medidas nunca foram testadas, pois, por um lado, havia a constante pressão dos iroqueses e, por outro, havia a constante pressão dos ingleses, o que colocou a região em conflitos constantes. Durante o século XVIII, a companhia da Nova França já não existia e a colônia passava por uma grande crise econômica, assolada por uma enorme crise de fome e, após a Guerra dos Sete Anos, a França finalmente perdeu sua colônia canadense para a Inglaterra, deste modo, todo o monopólio do comércio de peles passou para a *Hudson's Bay Company*.

CONCLUSÃO

Sem dúvidas o comércio de peles tem seu espaço na história do Canadá. Muitos autores se referem a essas atividades comerciais como uma das principais atividades econômicas da colônia e, hoje em dia, no Canadá contemporâneo o comércio de peles ainda gera lucro. O castor foi um item comercial que impulsionou a fundação de uma colônia e permitiu a ampliação das relações entre colonos e nativos, ampliando as visões comerciais em ambos os atores. Estudar o comércio de peles na Nova França nos permite olhar para além da economia, permite que a história da Nova França e de seus conflitos internos, seja entre duas grandes nações europeias ou entre duas grandes nações originárias, passe a ser vista de forma mais complexa, colocando em evidência não apenas os interesses dos colonizadores, mas também dando espaço para os interesses e para a atuação dos nativos, apesar de que as fontes primárias do trabalho sejam todas produzidas do ponto de vista do colonizador europeu e de que a bibliografia de referência evidencie, em sua maior parte, a participação dos franceses, há muito destas fontes que também evidencia a participação das nações locais no processo de colonização. O comércio de peles mostra claramente que havia uma interdependência entre franceses e nativos, onde um não poderia atingir seus objetivos sem o outro e esta foi a principal ideia que deu luz a este trabalho.

Referências

CARTIER, Jacques, **Voyages** < http://www.self.gutenberg.org/articles/Jaques_Cartier > acesso em: 30 de Novembro de 2017.

CARTIER, Jacques **The DIARY of Jacques Cartier from the Voyage of 1534** <https://jacquescartier1534.wordpress.com/journal-of-1534-voyage/> acesso em: 30 de Novembro de 2017

CHAMPLAIN, Samuel de. **Voyages to New France**, trad. Michael Macklem. Oberon Press, 1971.

CHARLEVOIX, Francis Xavier de. **Journal of a Voyage to North America vol. 1**, trad. Louise Phelps. Chicago, The Caxton Club.

INNIS, Harold A. **The Fur Trade in Canada**, University of Toronto Press.

LUNN, Jean. **Economic Development in New France 1713-1760**. Montreal, 1942.

MCINNIS, Edgard, **Canada: a political and social history**, 1942.

MUNROE, David C. **The Fur Trade of New France down to 1663**. McGill University, 1938.

ROY, Gabriel, **O Comércio de Peles na Nova França** In: E. SIMÕES de Paula **XXXV Coleção da Revista de História**, São Paulo 1971.